



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

JANAINA BARBOSA DA SILVA

A MAIÊUTICA SOCRÁTICA NO TEETETO DE PLATÃO

CAMPINA GRANDE – PB,

2017

JANAINA BARBOSA DA SILVA

A MAIÊUTICA SOCRÁTICA NO TEETETO DE PLATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito necessário à obtenção do título de Graduada em Filosofia (Licenciatura).

Área de concentração: Filosofia Antiga.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Solange Maria Norjosa Gonzaga.

CAMPINA GRANDE – PB,

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Janaina Barbosa da.
A maiêutica socrática no Teeteto de Platão [manuscrito] : /
Janaina Barbosa da Silva. - 2017.
33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Solange Maria Norjosa Gonzaga,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia crítica. 2. Maiêutica. 3. Sócrates.

21. ed. CDD 142

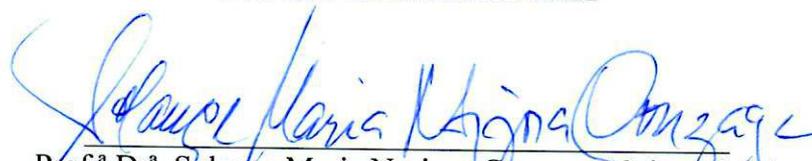
JANAINA BARBOSA DA SILVA

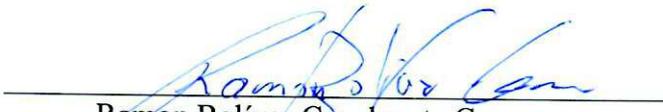
A MAIÊUTICA SOCRÁTICA NO TEETETO PLATÃO

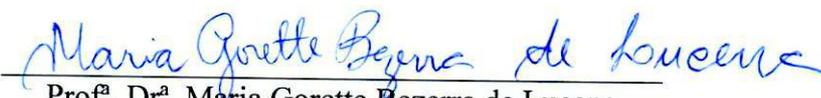
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Filosofia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito necessário à obtenção
do título de Graduada em Filosofia (Licenciatura).

Aprovada em: 15/Dezembro/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a. Solange Maria Norjosa Gonzaga (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Ramon Bolívar Cavaleante Germano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a. Dr.^a. Maria Gorette Bezerra de Lucena
Universidade Federal de Campina Grande (UFPB)

À Inácia (*in memoriam*), pela dedicação e por todo amor a me doado, saudade eterna, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Sebastião Barbosa e Inácia Veríssimo (*in memoriam*), que embora estivesse fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força e coragem para não desistir.

À minha vó, Alice (*in memoriam*), por todos os ensinamentos e amor me dado. Pelo abraço acolhedor que outrora me acolhia e me envolvia.

Aos meus irmãos, Conceição, Uilson e Alice por se fazerem sempre presente em minha vida acadêmica.

À minha orientadora, professora Solange Norjosa, pelo tempo e paciência prestados à orientação deste trabalho. Obrigada pelos ensinamentos, pela amizade, sobretudo nos momentos difíceis.

À querida professora Gorette Lucena, pelo incentivo da minha alma no percurso da filosofia platônica.

Aos colegas de turma Jamily, Hélio, Neta, Conceição, Cesar, e Anna Michelle, que aos poucos criamos laços fraternos de amizade, pelos momentos de risos, dores e apoio.

A Elzio Gessiano por me proporcionar a beleza de carregar em meu ventre o bem mais precioso, Helena, fruto do nosso amor e companheirismo. Pelo incentivo, apoio e compreensão nos momentos em que fraquejei.

São dores de parto, meu caro Teeteto. Não estás vazio, algo em tua alma deseja vir à luz. (Teeteto 148e).

RESUMO

Nossa pesquisa examina o que é a maiêutica socrática no diálogo *Teeteto* de Platão com o propósito de demonstrarmos que Sócrates, através do exercício de perguntas e respostas (*elenchos*), pretende purificar/purgar (*kathársis*) as opiniões falsas de saber da alma do seu interlocutor conduzindo-o a *aporia* (*Teeteto* 150b-c), método aplicado pelo filósofo com o jovem Teeteto no exame sobre o que é o conhecimento.

Palavras-Chave: Maiêutica, *Elenchos*, Purificação, Conhecimento, *Teeteto*.

ABSTRACT

Our research examines what socratic maieutics is in Plato's *Theaetetus* dialogue with the purpose of demonstrating that Socrates, through the exercise of questions and answers (*elenchus*), purports to purify/purge (*katharsis*) the false opinions of soul of its interlocutor leading to *aporia* (*Theaetetus* 150b-e), method applied by the philosopher with the young Theaetetus in the examination of what knowledge is.

Keywords: Maieutic, *Elenchos*, Purification, Knowledge, *Theaetetus*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
PRIMEIRO CAPÍTULO: O modo de vida de Sócrates e as consequências do exercício da arte maiêutica	11
SEGUNDO CAPÍTULO: O que é Maiêutica?	16
TERCEIRO CAPÍTULO: A <i>kathársis</i> da alma pelos <i>elenchos</i>	22
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como propósito investigar a arte maiêutica socrática, sendo assim se faz necessário evidenciarmos que esta se tem início com a pergunta *o que é* que exige de seu interlocutor uma resposta, é composta a partir de alguns elementos. O primeiro elemento é a *epagôgê* que no percurso da arte herdada por Sócrates tem a função indutiva; o segundo é a refutação que leva ao embate das respostas dadas à pergunta *o que é* e ao novo argumento apresentado pelo filósofo; por fim, o terceiro elemento é a *ironia socrática* que parte do princípio de que nada sabe.

Seguindo essa perspectiva, nossa pesquisa examina o que é a maiêutica socrática no diálogo *Teeteto* de Platão e tem como propósito demonstrar que Sócrates, através do exercício de perguntas e respostas (*elenchos*), pretende purificar/purgar (*kathársis*) as opiniões falsas de saber da alma do seu interlocutor, conduzindo-o a *aporia*, ou seja, momento em que o interlocutor reconhece que nada sabe sobre a questão investida. Tal método é aplicado pelo filósofo com o jovem Teeteto no exame sobre o que é o conhecimento, conforme verificamos na definição que Sócrates dá sobre sua arte maiêutica (*maieutikhé tékhne*) no passo 150b-e do diálogo em análise:

A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém a grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro. Neste particular, sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. E a razão é a seguinte: a divindade me incita a partejar os outros, porém me impede de conceber. Por isso mesmo, não sou sábio, não havendo um só pensamento que eu possa apresentar como tendo sido invenção de minha alma e por ela dado à luz. Porém os que tratam comigo, suposto que alguns, no começo, pareçam de todo ignorantes com a continuação de nossa convivência, quantos a divindade favorece progridem admiravelmente, tanto no seu próprio julgamento como no de estranhos. O que fora de dúvida é a que nunca aprenderam nada comigo; neles mesmos é que descobrem as coisas belas que põem no mundo, servindo, nisso tudo, eu e a divindade como parteira (*Teeteto* 150b-e¹).

¹ PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed., Belém: EDUFPA, 2001.

Nesse sentido, usaremos *As Nuvens* de Aristófanes para exemplificar que na paródia desse comediógrafo se tem uma representação do método maiêutico socrático. Logo, demonstra-se a relevância da arte maiêutica socrática.

Nesse contexto, para desenvolvermos a questão que move nossa pesquisa, além dessa breve introdução, organizamos o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *O modo de vida de Sócrates e as consequências do exercício da arte maiêutica*, analisamos, a partir da comédia de Aristófanes *As Nuvens*, os pressupostos das primeiras acusações proferidas pelo comediógrafo ao nosso filósofo Sócrates, no intuito de estabelecermos uma relação entre as antigas acusações com as novas, realizadas por Meleto, Ânito e Lícon, que conduziram Sócrates à condenação e morte.

No Segundo Capítulo, *O que é maiêutica?* descrevemos a arte maiêutica (*maieutiké téchne*) herdada por Sócrates de sua mãe Fenarete, grande parteira de sua época. Todavia, o filósofo se autodenomina parteiro de ideias e não de corpos, purificando a alma para dar à luz ao conhecimento.

No Terceiro Capítulo, *A kathársis da alma pelos elenchos*, demonstramos como Sócrates, através do exercício de perguntas e respostas (*elenchos*), purifica as opiniões falsas de saber da alma do interlocutor que estão a ponto de vir à luz colocando-o em estado de *aporia*, ou seja, a reconhecer que nada sabe sobre o assunto investigado.

PRIMEIRO CAPÍTULO

O MODO DE VIDA DE SÓCRATES E AS CONSEQUÊNCIAS DO EXERCÍCIO DA ARTE MAIÊUTICA

Refletiremos nesse Primeiro Capítulo de nossa pesquisa acerca da *A maiêutica socrática no diálogo Teeteto de Platão* sobre o modo de vida de Sócrates através da comédia *As Nuvens*, de Aristófanes, o qual conhece e descreve o método maiêutico socrático, que mais tarde associado às novas acusações feitas por Meleto, Ânito e Lícon, levou o filósofo à condenação e morte.

No diálogo *Teeteto* de Platão, Sócrates no final da conversa com o jovem Teeteto diz que vai se apresentar ao *Pórtico do Rei* para saber sobre algumas acusações levantadas contra ele, algumas recentes e outras mais antigas (*Teeteto* 210 d²):

Primeiro, homens de Atenas, é justo que me defenda de antigas acusações falsamente apresentadas contra mim por antigos acusadores; depois, das novas acusações e dos novos acusadores. Pois muitos acusadores se ergueram antes contra mim, perante vós, durante muitos anos, sem nunca terem dito nada que fosse verdade. Tenho mais medo deles que dos amigos de Ânito. Estes, embora perigosos, são-no menos do que aqueles, que desde crianças vos persuadiram e me acusaram sem qualquer verdade, dizendo <<haver um tal Sócrates, homem sabedor, que investiga os fenômenos celestes e pesquisa tudo o que se passa debaixo da terra e faz dos argumentos fracos fortes argumentos>>. Estes, que me espalharam tal fama, são os meus mais perigosos acusadores, pois quem os ouve julga que aqueles que investigam estas coisas não acreditam em deuses. Além disto, esses acusadores são muitos e andam a acusar-me há muito tempo. Ainda por cima, falavam-vos naquela idade em que éreis crianças ou rapazes e vos deixáveis persuadir, acusando facilmente um ausente, que ninguém defendia. O que mais absurdo em tudo isto é que nem é possível saber e dizer-lhes os nomes, **excepto o de um que é autor de comédias**. E aqueles que usaram da malícia e da calúnia para vos persuadir e os que, persuadidos, persuadiram outros, esses são os mais difíceis de combater. Não é possível mandá-los vir aqui, não é possível interrogar nenhum. Só posso defender-me deles combatendo contra as sombras e refutá-los sem que ninguém me responda. Considerarei, portanto, que, como disse, duas espécies de acusadores se ergueram contra mim: uns, que me acusam agora; outros, que me acusaram antes, de quem já falei. (*Apologia de Sócrates* 18a-e³).

² PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed., Belém: EDUFPA, 2001.

³ *Idem.*, *Êutifron, Apologia de Sócrates, Criton*. Tradução, introdução e notas: José Trindade Santos. 4 ed., Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

Como sabemos, Sócrates foi acusado por Meleto, Ânito e Lícon de: 1) corromper a juventude, 2) não acreditar nos deuses da cidade e 3) cultuar uma nova divindade, como o próprio Sócrates diz em sua defesa: “(...) é assim: declara-se que Sócrates incorre em falta por corromper os jovens e por não acatar os deuses que a cidade acata, mas divindades novas (...)” (*Apologia de Sócrates* 24b⁴). Pensamos que estas novas acusações foram reafirmadas, como disse Sócrates, a partir das antigas inculpações proferidas por Aristófanes. Além disso, foi um julgamento em que os três acusadores tinham motivos pessoais para isto, conforme verificamos no relato feito por Sócrates em sua defesa na *Apologia*:

Por causa disto, não só Meleto, como Ânito ou Lícon me caluniaram; Meleto por me detestar como os poetas; Ânito, em nome dos artesãos e dos homens de estado; e Lícon, em nome dos oradores. E é por causa disto que, como ao princípio vos disse, me espantaria, se em pouco tempo fosse capaz de vos libertar de uma calúnia que se tornou tão grande. Esta é a verdade, homens de Atenas, falo-vos sem esconder nada, nem nada vos ocultar. E, no entanto, sei que me faço detestar; mas essa é a prova de que digo a verdade e de que a calúnia contra mim é a causa disso. E, se investigardes agora ou mais tarde como foi, assim achareis (*Apologia de Sócrates* 23e – 24a-b⁵).

Thomas A. Szlezák observa em seu texto *A maiêutica sem pressupostos de Sócrates* que:

Poder-se-ia objetar contra a confrontação com a passagem da *Apologia* que o discurso de defesa perante o júri popular e o diálogo sobre o conceito do Saber sejam dois produtos literários distintos, tanto em relação à forma, quanto em relação à atmosfera intelectual, que, preferencialmente, não devessem ser correlacionadas. Entretanto, esta objeção não seria convincente: no fim do diálogo vimos a conhecer que agora Sócrates deve comparecer perante a acusação apresentada contra ele a Meletos (210d). E esta acusação diz respeito a nada mais do que o comportamento de Sócrates enquanto professor, portanto aquilo por ele próprio tematizado⁶.

Sócrates, em relação às antigas acusações de “um certo comediógrafo”, culpa Aristófanes das calúnias por ele proferidas a seu respeito. Sobre essa questão nós encontramos em *As Nuvens* uma representação da arte maiêutica usada pelo filósofo. Nessa comédia, Aristófanes faz o personagem Sócrates utilizar a mesma “metodologia elêntica das Nuvens” de perguntas e respostas com seus interlocutores. Como sabemos, os personagens principais são: Sócrates e seus discípulos, Estrepsíades e Fidípides, o jogador.

⁴ PLATÃO. *Êutifron, Apologia de Sócrates, Críton*. Tradução, introdução e notas: José Trindade Santos. 4 ed., Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

⁵ *Ibidem*.

⁶ SZLEZÁK, Thomas Alexander. A arte maiêutica sem pressupostos de Sócrates. *Revista de E.F. e H. da Antiquidade*. Cps/Bsb, nº 22/23, 2007. p.254.

Segundo Hugo Bozzano *et al*, “A palavra comédia vem da junção dos termos gregos *komos*, que significa rurais ou campestres; e *ode*, que significa canto: cantos rurais⁷”. Dessa maneira, o modo como Aristófanes escreve a peça retrata as características campesinas nas falas dos personagens. A comédia surge na Antiguidade no século V a. C., como um meio de propagar o estilo de vida comum dos gregos. Criticavam não apenas a nova educação, mas também os novos costumes que vinham modificando o modo de vida ateniense⁸.

A Guerra do Peloponeso trouxe Aristófanes para viver em Atenas, todavia, a vida campesina continua arraigada em sua alma perpassando toda a sua obra. *As Nuvens* retrata a crítica que o comediógrafo faz ao movimento sofístico e também a Sócrates, por cultuar novas divindades, desta forma, atacando a tradição mítico-religiosa grega⁹. Além disso, retrata Sócrates como um investigador dos fenômenos da natureza. Como verificamos nos versos abaixo:

É preciso que o velho fique calado e preste atenção à prece! Senhor soberano, Ar incomensurável, que sustentas a Terra suspensa no espaço! Éter brilhante e veneráveis deusas, Nuvens portadoras do trovão e do raio! Levantai-vos, Senhoras, mostrai-vos ao pensador, suspensa no ar!¹⁰

Aristófanes também retrata Sócrates como um sofista, pois uma das principais características do movimento sofístico no ensino da arte retórica é transformar o discurso fraco em forte e vice e versa¹¹:

Estrepsíades: Olhe ali (*aponta a casa de Sócrates*).
 Você está vendo aquela portinha e aquele casebre?
 Fidípides: Estou vendo. Papai, de fato o que é aquilo?
 Estrepsíades: (*Declamando*).
 De almas sábias é aquilo um “pensatório”... Lá moram homens que, quando falam do céu, querem convencer de que é um abafador, que está ao nosso redor, e nós... somos os carvões! Se a gente lhes der algum dinheiro, **eles ensinam a vencer com discursos nas causas justas e injustas.**
 Fidípides: Mas quem são eles?
 Estrepsíades: Não sei ao certo seu nome. (*Solenemente.*) São pensadores medítabundos, gente de bem!
 Fidípides: Ah! Já sei, uns coitados! Você está falando desses charlatães, pálidos e descalços, entre os quais o funesto Sócrates e Querefonte...

⁷ BOZZANO, Hugo; FRENDA, Perla; GUSMÃO, Tatiane Cristina. **Arte em interação**. São Paulo, IBEP, 2013. p. 27.

⁸ Cf. ⁸ OLIVEIRA, Francisco de; SILVA, Maria de Fátima. **O teatro de Aristófanes**. Coimbra: Faculdade de Letras, 1991.

⁹ Cf. VERNANT, Jean-Pierre. Introdução. In: **Mito e Religião na Grécia Antiga**. Tradução de Joana Angélica D’Avila Melo. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

¹⁰ ARISTÓFANES. **As Nuvens**. Tradução e notas de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972, v.260-265, p.188.

¹¹ Cf. GUTHRIE, W. K. C. O que é o sofista? In: **Os Sofistas**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo, Paulus, 1995. p. 31-55.

Estrepsíades: Eh! Silêncio! Não diga tolices! Mas se você se preocupa um pouco com o pão de seu pai, por favor, renuncie à equitação e torne-se um deles.

Fidípides: Não, por Dioniso, não poderia, nem que você me desse os faisões de Leógaras.

Estrepsíades: Vá, eu imploro! Você, a mais querida das criaturas, vá aprender!

Fidípides: E que irei aprender para o seu bem?

Estrepsíades: Dizem que no meio deles os raciocínios são dois: o forte, seja ele qual for, e o fraco. Eles afirmam que o segundo raciocínio, isto é, o fraco, discursando, vence nas causas mais injustas... Ora, se você me aprender esse raciocínio injusto, do dinheiro que agora estou devendo por sua culpa, dessas dívidas eu não pagaria nem um óbolo a ninguém...¹²

Sobre a origem da comédia, Werner Jaeger enfatiza que “(...) encontra-se no incoercível impulso das naturezas mais comuns, poderíamos até dizer, na tendência popular, realista, observadora e crítica, que escolhe com predileção imitar o que é mau, censurável e indigno¹³”. Por isso, que as comédias são montadas valorizando a realidade histórica e social no qual o comediógrafo está inserido:

A comédia visa as realidades do seu tempo mais do que qualquer outra arte. Por mais que isto a vincule a uma realidade temporal e histórica, é importante não perder de vista o seu propósito fundamental é apresentar, além da enfemeridade das suas representações, certos aspectos eternos do Homem que escapam à elevação poética da epopéia e da tragédia¹⁴.

No caso específico da sofística e da maiêutica socrática, entendemos que Aristófanes critica e ridiculariza em sua comédia a nova forma de educação de Sócrates e do movimento sofístico como veremos, nos versos 344-350:

Sócrates: Então responda ao que eu perguntar.

Estrepsíades: Pois diga logo o que quer.

Sócrates: Alguma vez, olhando para o céu, você já não viu uma nuvem semelhante a um centauro, a um leopardo, a um lobo ou a um touro?

Estrepsíades: Sim, por Zeus, já vi. E que quer dizer isso?

Sócrates: Elas se transformam em tudo o que desejam. Se vêem um fulano de longa cabeleira, um desses selvagens peludos, como filho de Xenofanto, para ridicularizar a “mania” dele, tomam forma de centauros¹⁵.

¹² ARISTÓFANES. *As Nuvens*, v. 90 – 115. Tradução e notas: Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 182-183. Grifos nossos.

¹³ JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução: Artur M. Parreira. 3 ed., São Paulo, Martins Fontes, 1995. p.415.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ ARISTÓFANES. *As Nuvens*, v. 344-350. Tradução e notas de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p.192.

Nestes versos o comediógrafo mostra que conhecia a fundo o método maiêutico, levando muitas vezes os expectadores a confundirem Sócrates com um sofista. Na paródia¹⁶ sobre Sócrates ele satiriza sua casa paupérrima, seu físico e, sobretudo, a sua arte maiêutica, como podemos verificar no verso 135:

Discípulo: (abre-se o “pensatório” e sai um discípulo, pálido e irritado, deixando a porta entreaberta.)

Por Zeus, só pode ser um ignorante, você que deu um pontapé na porta, assim tão estupidamente, fez abortar um pensamento já encontrado...

Estrepsíades: Desculpe-me, eu moro longe, nos campos. Mas fale-me desse negócio que está abortado...

Discípulo: Não é lícito dizê-lo, só aos discípulos

Estrepsíades: Então fale, coragem! Pois eu aqui vim ao “pensatório” para ser um discípulo...¹⁷

Aristófanes faz pilhéria ao comparar o aborto do pensamento com o aborto no sentido de se tornar uma interrupção da gravidez, assim, fazendo alusão à arte herdada por Sócrates da sua mãe, a maiêutica, que como mostraremos a seguir ajuda os jovens a partejarem ideias. E como o aborto geralmente ocorre no início da gravidez, assim também deve acontecer com as opiniões falsas de saber¹⁸.

¹⁶ Obra literária, teatral, musical etc. que imita outra obra, ou os procedimentos de uma corrente artística, escola etc. com objetivo jocoso ou satírico; arremedo (Cf. HOUAISS, A. **Houaiss Dicionário eletrônico**, 2001).

¹⁷ ARISTÓFANES. **As Nuvens**. v. 135. Tradução e notas de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p.183.

¹⁸ Gilda Starzynski, tradutora das *Nuvens* de Aristófanes, na nota 33 observa que: “O susto provoca um aborto mental, como pode fazê-lo fisicamente. (...) Pilhéria que visa diretamente à pessoa de Sócrates, filho da parteira Fenarete, de quem se dizia herdeiro na arte de assistir ao nascimento de novas ideias (maiêutica).” (Cf. STARZYNSKI, G. M. R. In: ARISTÓFANES. **As Nuvens**. v. 135. Tradução e notas de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p.184).

SEGUNDO CAPÍTULO

O QUE É MAIÊUTICA?

Como vimos no Primeiro Capítulo de nossa pesquisa, o modo como Sócrates ensinava, mesmo assumindo nada saber, provocou aborrecimento em alguns atenienses poderosos de sua época. Isto porque em suas conversas com os jovens, a maioria deles filhos desses poderosos, inquietava-os a buscar o conhecimento ou, como diz o filósofo no diálogo *Teeteto*, “ajudá-los no parto” através de sua arte maiêutica, que tem funções iguais das parteiras, porém, não parteja os corpos e sim acompanha as almas dos jovens no seu trabalho de parto. No entanto, Sócrates coloca sua arte maiêutica superior a as das parteiras por conhecer de pronto se o que está a ponto dos parturientes conceber é algum fruto legítimo ou não (*Teeteto* 150b-e¹⁹).

Sócrates, o maiêutico, se posiciona como aquele que nada sabe, que é estéril em sabedoria, todavia, é capaz de extrair da alma dos seus discípulos o que está a ponto de vir à luz. De acordo com A. Bailly, no seu *Dictionnaire Greg Français maieutikhé*, é aquele apto ou *expert* em partejar; acrescenta que Platão no *Teeteto* 150c afirma que a *maieutikhé* (...) é arte de fazer parto, em particular do método de ensino de Sócrates (*maieyo*²⁰).

A arte da maiêutica ou a arte de partejar era uma das atividades na Grécia Antiga em que a mulher poderia exercer considerando que sua função ficava restrita a cuidar da casa e do marido, conforme informações dadas pelo próprio Sócrates. O filósofo dialogando com Teeteto conta que a arte maiêutica foi herdada de sua mãe: “e nunca ouviste falar, meu gracejador, que eu sou filho de uma parteira famosa e imponente, Fanerete?” (*Teeteto* 149a²¹). Fanerete era uma parteira famosa da sua época, com quem Sócrates aprendeu a arte de partejar, se autodenominando parteiro de ideias, acompanhando os homens no seu trabalho de parto de ideias, contribuindo para vir à luz o conhecimento:

Eis aí a função das parteiras; muito inferior a minha. Em verdade, não acontece às mulheres parirem algumas vezes falsos filhos e outras vezes verdadeiros, de difícil distinção. Se fosse o caso, o mais importante e belo

¹⁹ Cf. PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed., Belém: EDUFPA, 2001.

²⁰ BAILLY, A. *Dictionnaire Greg Français*. 26 ed., Paris: Hachette, 1963, p.1216.

²¹ PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed., Belém: EDUFPA, 2001.

trabalho das parteiras consistiria em decidir entre o verdadeiro e o falso, não te parece? (*Teeteto* 150b²²).

Sócrates destaca que a sua arte obstétrica é superior à das parteiras. Visto que não lhes cabe a função de decidir se os bebês são falsos ou verdadeiros ao nascerem. Enquanto, ele, parteiro de ideias, precisa distinguir se a ideia que acabou de vir à luz é conhecimento verdadeiro ou falso.

As parteiras sabiam quando uma mulher estava grávida. Não só possuíam estas práticas, mas também, conheciam algumas drogas para ajudar no parto, conforme esclarece Sócrates: “(...) por meio de drogas e encantamentos, elas conseguem aumentar as dores ou acalmá-las, como queiram, levar a bom termo partos difíceis ou expulsar o produto da concepção quando ainda não se acha muito desenvolvido.” (*Teeteto* 149d²³). As parteiras não só conheciam os métodos de ajudar a vir à luz, como também a tirar a vida, ou seja, conheciam a prática do aborto.

Isso nos faz depreender que a prática do aborto na Antiguidade se explica pelo fato de serem as parteiras responsáveis pelas crianças que nasciam, as quais deveriam ser sadias e não terem deficiências físicas, caso contrário, era também função das parteiras descartarem essas crianças. Porém, Sócrates ressalta que não são estes os conhecimentos que mais as enaltecem. É a capacidade delas de conhecerem a mulher capaz de gerar filhos perfeitos, “e não observastes, outrossim, que são casamenteiras muito hábeis, por conhecerem a fundo qual é a mulher mais indicada para este ou aquele varão, por que possam ter filhos perfeitos?” (*Teeteto* 149d²⁴). No entanto, a atividade de casamenteiras eram poucas que desenvolviam por medo de errarem, como se pode verificar:

(...) mas por causa do comércio desonesto e sem arte de acasalar varão com mulher, denominado lenocínio, abstêm-se da atividade de casamenteiras as parteiras sensatas, de medo de no exercício de sua arte incorrerem na suspeita de exercerem aquelas práticas. Nada obstante, só às verdadeiras parteiras é que compete promover as uniões acertadas (*Teeteto* 150a²⁵).

A diferença da maiêutica socrática para a maiêutica das parteiras é que Sócrates, parteiro de ideias, ajuda dar à luz ao conhecimento, não contribui para vir ao mundo um ser humano. Por se tratar de engendrar ao conhecimento ele examina, se o que acabou de nascer, é de fato uma ideia verdadeira ou não, assim, a sua arte maiêutica é superior à das parteiras. A

²² PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed., Belém: EDUFPA, 2001.

²³ *Ibidem*.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*.

maiêutica nos diálogos platônicos se apresenta como um método utilizado por Sócrates para extrair das conversas com seus interlocutores o conhecimento.

A explicação socrática de que não eram todas as mulheres que serviam para o ofício de partejar é muito significativa, pois a deusa Ártemis concedia essa arte apenas aquelas mulheres que já tiveram filhos e que passaram do período fértil. Enquanto, as mulheres que não pudessem gerar eram consideradas incapacitadas de realizar essa função.

Segundo o intérprete Hector Benoit,

Como as parteiras, Sócrates também nada mais engendra: “sou estéril em sabedoria (*agonos eimi sophias*)” (150c). E nesse sentido, diz ele, possui verdade a acusação que lhe fazem de que faz sempre perguntas aos outros, mas, nunca dá a sua própria opinião, pois, de fato, o que sabe é absolutamente nada. Isto porque o deus lhe deu essa obrigação de fazer parir, mas lhe retirou a capacidade de engendrar (150c²⁶).

Ora, é justamente em função da maiêutica que o nosso filósofo é conhecido como aquele que confunde as pessoas e, sobretudo, aqueles que dizem serem conhecedores de grandes coisas, porém, ficam apenas na superficialidade e são ridicularizados diante de todos. Sócrates assinala que poucos sabem sobre arte herdada por ele:

Pois fica sabendo que é verdade; porém não me traias; ninguém sabe que eu conheço semelhante arte, e, por não o saberem, em suas referências à minha pessoa não aludem a esse ponto; dizem apenas que eu sou o homem mais esquisito do mundo e que lanço confusão no espírito dos outros. A esse respeito já ouviste dizer alguma coisa? (*Teeteto* 149a²⁷)

Assim, a maiêutica nos diálogos através da apresentação de um problema, seguido de refutações para vir à luz o conhecimento. Todavia, Sócrates parte sempre do princípio que nada sabe: “por isso mesmo, não sou sábio, não havendo um só pensamento que eu possa apresentar como tendo sido invenção de minha alma e por ela dado à luz” (*Teeteto* 150d²⁸).

Reiteradas vezes, Sócrates faz questão de ressaltar ao longo do diálogo *Teeteto* que nada sabe e que sua alma não é capaz de engendrar. Contudo, os jovens que se aproximam e procuram os seus ensinamentos, ele os auxilia no trabalho de parto. Porém, o filósofo enfatiza que alguns dos que se achegam a ele, esquecem que dar à luz ao conhecimento exige todo um processo metodológico que o antecede, aspecto que deve ser considerado para não correr o risco de serem ridicularizados, como podemos verificar no passo 150e:

²⁶ BENOIT, Hector. **A Odisséia dialógica de Platão: as aventuras e desventuras da dialética socrática do Parmênides ao Crátilo, ou o percurso de Sócrates de 450 a 399**. Tese. Campinas: Unicamp, 2004, p.272.

²⁷ PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed., Belém: EDUFPA, 2001.

²⁸ *Ibidem*.

E a prova é o seguinte: muitos desconhecedores desse fato e que tudo atribuem a si próprios, ou por me desprezarem ou por injunções de terceiros, afastam-se de mim cedo demais. O resultado é alguns expelirem antes do tempo, em virtude das más companhias, os germes por mim semeados, e estragarem outros, por falta da alimentação adequada, os que eu ajudara a pôr no mundo, por darem mais importância aos produtos falsos e enganosos do que aos verdadeiros, com o que acabam por parecerem ignorantes aos seus próprios olhos e aos de estranhos. Foi o que aconteceu com Aristides, filho de Lisímaco, e a outros mais. (*Teeteto* 150e- 151a²⁹).

Entretanto, até que o jovem perceba que está sendo ridicularizado e busca retomar a Sócrates, para continuar sua formação no exercício da maiêutica, é preciso que o seu *daimon* permita tal regresso. Sócrates alerta Teeteto ao afirmar: “(...) quando voltam a implorar instantemente minha companhia, com demonstrações de arrependimento, nalguns casos meu demônio familiar me proíbe reatar relações; noutras o permite, voltando estes, então, a progredir como antes” (*Teeteto* 151a³⁰). Mas para que voltem é preciso demonstrar seu erro e arrependimento, cientes de que o convívio com o mestre maiêutico não é tranquilo, ou seja, é um percurso árduo. Como salienta Sócrates:

Neste ponto, os que convivem comigo se parecem com as parturientes: sofrem dores lancinantes e andam dia e noite desorientados, num trabalho muito mais penoso do que o delas. Essas dores é que minha arte sabe despertar ou acalmar. É o que se dá com todos. Todavia, Teeteto, os que não me parecem fecundos, quando eu chego à conclusão de que necessitam de mim, com a maior boa-vontade assumo o papel de casamenteiro e, graças a Deus, sempre os tenho aproximado de quem lhes possa ser de mais utilidade. (*Teeteto* 151a-b³¹)

Sócrates explicita a diferença entre o parto de uma criança e o parto do conhecimento. Ressalta que as dores para parir uma criança duram apenas enquanto ela sai. Já as dores dos parturientes de ideias são constantes porque o conhecimento é engendrado a todo instante. Assim, pensar não é fácil e, sem dúvida, demora muitas vezes uma vida inteira para descobrir que nada sabe. Assim, quando Sócrates percebia que o jovem não tinha tanta facilidade para construir o conhecimento, logo arrumava um casamento ou o encaminhava para outro conhecido seu: “muitos desses já encaminhei para Pródico, e outros mais para varões sábios e

²⁹ PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed., Belém: EDUFPA, 2001.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*.

inspirados” (*Teeteto* 151b³²). Sócrates, após expor toda a sua arte maiêutica para Teeteto, tem como finalidade conduzir o próprio jovem a fazer este percurso maiêutico:

Se te expus tudo isso, meu caro Teeteto, com tantas minúcias, foi por suspeitar que algo em tua alma está no ponto de vir à luz, como tu mesmo desconfias. Entrega-te, pois, a mim, como filho de uma parteira que também é parteiro, e quando eu te formular alguma questão, procura responder a ela do melhor modo possível. E se no exame de alguma coisa que disseres, depois de eu verificar que não se trata de um produto legítimo mas de algum fantasma sem consistência, que logo arrancarei e jogarei fora, não te aborreças como o fazem as mulheres com seu primeiro filho. Alguns, meu caro, a tal extremo se zangaram comigo, que chegaram a morder-me pro os haver livrado de um que outro pensamento extravagante. Não compreendiam que eu só fazia aquilo por bondade. Estão longe de admitir que de jeito nenhum os deuses podem querer mal aos homens e que, do meu lado, nada faço por malquerença, pois não me é permitido em absoluto pactuar com a mentira nem ocultar a verdade (*Teeteto* 151b-d³³).

Sócrates acreditava que Teeteto era um jovem muito inteligente e esforçado, desta forma, explicou toda arte maiêutica para ele, considerando que o mesmo irá fazer este percurso em busca do conhecimento.

Assim, Teeteto será conduzido através do exercício maiêutico, buscando nesta arte o conhecimento que produzirá novos frutos, mas, se ao invés de investigar colocar-se no lugar daquele que já sabe e não buscar refutar os seus falsos saberes se tornará iguais aqueles que fingem que sabem, mas que nada sabem;

Se depois disto, Teeteto, voltares a conceber, e conceberes mesmo, ficarás cheio de melhores frutos, graças à presente investigação. Mas se continuares vazio, serás menos incômodo aos de tua companhia, porque mais dócil e compreensivo, visto não imaginares saber o que não sabes. Isso, apenas, é que minha arte é capaz de fazer, nada mais; nem conheço o que os outros conhecem, esses grandes e admiráveis varões do nosso tempo e do passado. A arte de partejar, eu e minha mãe foi de um deus que a recebemos: ela, para as mulheres; eu para os adolescentes de boa origem e para os dotados de qualquer beleza. (*Teeteto* 210 c-d³⁴).

Sobre essa questão, José Gabriel Trindade em sua introdução do diálogo *Teeteto* observa que: “a preocupação de Sócrates é, desde o início da conversa com Teeteto (144 d-e), orientar o jovem para a pergunta sobre a *epistêmê*³⁵”. É nessa orientação em busca do conhecimento que Sócrates passará todo o diálogo com o jovem rapaz usando a arte herdada

³² PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed., Belém: EDUFPA, 2001.

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ SANTOS, José Gabriel Trindade. Notas e introdução. In: PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 3 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.53.

por ele de sua mãe, a maiêutica, com o propósito de purgar da alma do jovem das opiniões falsas de saber ou como Sócrates mesmo afirma “ajudar no parto”.

Na perspectiva de Gabriel Trindade, “essa estratégia é afinal a da sua refutação sistemática, proposta pela metodologia elênctica ‘da pergunta e resposta’: em suma, o registro dialógico da conversa (*dialegesthai*) com fins corretivos ou exortativos³⁶”. O que nos faz inferir que é através dos *elenchos* que Sócrates vai purificando as opiniões falsas de saber. “Sócrates retoma o seu intento de libertar por meio de sua arte da maiêutica, Teeteto da sua gestação a respeito do conceito do Saber (184a-b³⁷)”. Portanto, é através da maiêutica que o jovem Teeteto engendra o saber, purgando dos aparentes erros.

A discussão de Sócrates e Teeteto, nesse diálogo, não chega a uma conclusão do que é o conhecimento, prosseguindo em infundáveis questões sem respostas. Porém, por mais que o diálogo seja conduzido em permanente *aporia* Teeteto está parindo o conhecimento.

³⁶ SANTOS, Gabriel Trindade. **Para ler Platão a ontoepistemologia dos diálogos socráticos**. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p.46.

³⁷ SZLEZÁK, Thomas Alexander. A arte maiêutica sem pressupostos de Sócrates. **E.F. e H. da Antiguidade**. Cps/Bsb, nº 22/23, 2007, p.261.

TERCEIRO CAPÍTULO

A KATHÁRSIS DA ALMA PELOS ELENCHOS

Neste Terceiro Capítulo *A kathársis da alma pelos elenchos* demonstraremos como Sócrates, através do exercício de perguntas e respostas (*elenchos*), purifica as opiniões falsas de saber da alma do interlocutor que estão a ponto de vir à luz, colocando-o em estado de *aporia*, ou seja, a reconhecer que nada sabe sobre o assunto investigado.

J. Urbina define *elenchos* como: “prueba, médio de prueba, argumento; contradicción, refutación (*elenchon echein* tener refutación); examen, investigación (*tó pragma tón elenchos dósei* el resultado dará la comprobación; tomar experiencia)³⁸”

Os *elenchos* não possuem apenas a finalidade de exaurir o interlocutor deixando-o sem saída, mas, sobretudo, de inquietar os homens e levá-los a sair do seu conforto habitual a debruçar-se na busca do saber. Isto implica dizer que a maiêutica socrática tem como finalidade tirar a pessoa da ignorância e conduzi-la na busca do saber racional, “pois é essa a única finalidade da investigação: proteger o homem do perigo de se ver destruído pelo mal que é a ignorância³⁹”. Assim, todo o percurso maiêutico e os *elenchos* têm por finalidade de purificar a alma para que esta possa através das refutações chegar ao conhecimento daquilo que está sendo examinado.

A maiêutica socrática é encontrada nos primeiros diálogos como uma metodologia para se chegar ao conhecimento. Iniciada com a pergunta *o que é*, e, em seguida, das respostas do interlocutor, assim, conduzida para o uso dos *elenchos*: *epagôgê*, refutação e a ironia⁴⁰. Todavia, a maiêutica também pode ser encontrada nos diálogos subsequentes mesmo sem a presença de Sócrates, como já foi citado no capítulo anterior. Segundo Gabriel Trindade:

É possível condensar as diversas interpretações do *elenchos* em duas: aquela que para Sócrates refuta os seus interlocutores, forçando-os a aceitar duas posições contraditórias, das quais resulta a *aporia*, e aquela outra para a qual ele os refuta provando a falsidade das suas posições. Ambas, contudo, coincidem num ponto essencial para a questão aqui tratada: a demonstração da invalidade do saber dos interlocutores é feita da sua refutação⁴¹.

³⁸ URBINA, J. M. P.S. de. **Diccionario manual griego – español**. Barcelona, EMEGE, 1967, p. 194.

³⁹ SANTOS, José Gabriel Trindade. In: **Êutifron, Apologia de Sócrates, Críton**. Tradução, introdução e notas: José Trindade Santos. 4 ed., Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, p.21.

⁴⁰ *Idem.*, **Para ler Platão a ontoepistemologia dos diálogos socráticos**. São Paulo: Loyola, 2008, p.47.

⁴¹ *Ibidem.*, p.48.

Na medida em que Teeteto vai dando respostas à pergunta “o que é”, Sócrates vai refutando-o e dessa forma melhorando os argumentos para que o jovem rapaz consiga construir argumentos mais sólidos que não possam ser refutados. Assim, “(...) a refutação termina quando este é confrontado com duas declarações contraditórias a que teve de anuir (...)”⁴², que não sabe. A metodologia utilizada por Sócrates é constituída de três elementos, como mostra Gabriel Trindade:

Na ausência de uma doutrina dogmaticamente expressa, a mais relevante contribuição destas obras para a formação da Filosofia como disciplina consiste na fixação da metodologia da pergunta e resposta, que regula a produção e refutação das declarações significativas. Esta consiste na combinação da pergunta <<o que é>> – que despoleta a série das definições – com o *elenchos* – a técnica refutativa – mais a *epagôgê* – a indução socrática – usada como a forma de incorporar a informação aduzida por meio de exemplos e comparações⁴³.

Para uma melhor compreensão desses elementos acerca da metodologia socrática, explicaremos cada um deles. Os diálogos socráticos são iniciados comumente com a pergunta “o que é” (grifos nosso para realçar a primeira pergunta dos *elenchos*). No entanto, no diálogo, Sócrates começa a discussão com Teeteto chamando atenção para a semelhança do jovem geômetra com ele próprio. Contudo, deixa claro que o examinará: “(...) pois então, amigo Teeteto, chegou a hora de te exhibires e eu de te examinar-te (...)” (*Teeteto* 145c⁴⁴). Sócrates continua a perguntar sem que a típica questão *o que é* da sua metodologia esteja explícita nos primeiros questionamentos. Assim sendo, concordamos com Gabriel Trindade ao afirmar que:

São as perguntas de Sócrates que comandam o encadeamento de conversas que constitui um diálogo <<socrático>> típico. Note-se que ao longo do diálogo aparecerão inúmeras perguntas; devemos, porém, distingui-las das questões iniciais, que são sempre redutíveis a dois tipos muitos gerais: <<o que é (x)?>> e <<(x) é (y)?>> Por exemplo, <<o que é a sensatez?>> (*Cármides*) e <<A aretê é ensinável ou nasce-se com ela?>> (*Ménon*). Em várias passagens – particularmente, no *Ménon* (71 b) – Sócrates insiste na primeira, sublinhando que <<enquanto não se souber o que uma coisa é, não se poderá saber que qualidade(s) lhe pode(m) ser atribuída(s)>>⁴⁵.

⁴² SANTOS, José Gabriel Trindade. In: **Êutifron, Apologia de Sócrates, Críton**. Tradução, introdução e notas: José Trindade Santos. 4 ed., Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, p.18.

⁴³ SANTOS, José Gabriel Trindade. **Para ler Platão a ontoepistemologia dos diálogos socráticos**. São Paulo: Loyola, 2008.

⁴⁴ PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed., Belém: EDUFPA, 2001.

⁴⁵ SANTOS, José Gabriel Trindade. In: **Êutifron, Apologia de Sócrates, Críton**. Tradução, introdução e notas: José Trindade Santos. 4 ed., Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, p.17.

Na constituição do diálogo são as respostas à pergunta do mestre que dão forma a essa metodologia. Porém, a refutação está interligada com as respostas, ou seja, sem a objeção dos argumentos acabariam as discussões em meras conversas informais, como enfatiza Gabriel Trindade:

Essa lição é penosamente aprendida nas refutações que imediatamente se seguem a cada definição. A técnica refutativa de Sócrates, como se verá, consiste na obtenção de proposições, direta ou indiretamente incompatíveis com cada definição, ou seja a primeira resposta apresentada a pergunta <<o que é>>”.

Já Tereza Azevedo em *Da maiêutica socrática à maiêutica platônica* enfatiza que:

Sócrates o mestre que nada sabe (“só sei que nada sei”, repete-se constantemente nos testemunhos chegados...) assume perante o discípulo uma posição distanciada relativamente ao saber que se pretende; por princípio ou por, rigorosa impossibilidade, não o transfere a ninguém, antes de procurar obtê-lo de outrem através de seu método favorito, assente no sistema de perguntas e respostas – a dialética⁴⁶.

A intérprete ressalta que a dialética é o método favorito de Sócrates que consiste em perguntas e respostas⁴⁷. Ora, discordamos dessa interpretação, uma vez que o método favorito de Sócrates é a maiêutica e não a dialética proposta pela autora. E no diálogo *Sofista* encontramos uma definição para o que venha ser a dialética. De acordo com Platão, a dialética é a capacidade de percebermos que mesmo na pluralidade de formas se consegue separar as formas distintas:

Dividir assim por gêneros, e não tomar por outra, uma forma que a mesma, nem pela mesma forma que é outra, não é essa, como diríamos, a obra da ciência dialética?... Aquele que assim é capaz discerne, em olhar penetrante, uma forma única desdobrada em todos os seus sentidos, através de uma pluralidade de formas, das quais cada uma permanece distinta; e mais: uma pluralidade de formas diferentes uma das outras envolvidas exteriormente por uma forma única repartida através de pluralidade de todos e ligada a unidade; finalmente, numerosas formas inteiramente isoladas separadas; e assim sabe discernir gêneros por gêneros, associações que para cada um deles são possíveis e impossíveis. (*Sofista* 253d-e⁴⁸)

Apoiamo-nos na interpretação do grande helenista inglês F. M. Cornford de que o método favorito de Sócrates é a maiêutica:

O método de Sócrates de fazer perguntas, comparado no *Teeteto* à arte da parteira, tinha a finalidade de trazer esses pensamentos ao nível consciente.

⁴⁶ AZEVEDO, Maria Tereza Schiappa. Da maiêutica socrática à maiêutica platônica. **Humanitas**. Vol. LV/2002, p.265.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ PLATÃO. **O Banquete, Fédon, Sofista. Político**. Tradução e notas de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2 ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979.

Alivia as dores de parto do espírito, na medida em que o fossa a parir o que lá tem dentro; não mete no espírito nada de que já lá estivesse⁴⁹.

Disso depreendemos que a finalidade da maiêutica é purgar a alma do interlocutor através dos *elencho,s* conduzindo-o ao estado de *aporia*. Já a dialética vem logo após o estado *aporético*. E elabora também parte de perguntas e respostas, entendemos que sua função é mais elevada, pois nesse estágio a nossa alma está trabalhando com conceitos, conforme mostramos linhas atrás na passagem do diálogo Sofista.

Outro elemento da metodologia é a *epagôgê*, razão indutiva. Ação de trazer para dentro⁵⁰ a busca por uma resposta adequada através do raciocínio lógico. Cabe a Sócrates demonstrar para o seu discípulo através da refutação que sua resposta é inconsistente e frágil e que seu argumento pode ser refutado. Sobre esse sentido de *epagôgê* G. Trindade *apud* R. Robinson enfatiza que:

A *epagôgê* não pode ser confundida com uma indução, por não passar do exame de casos particulares a uma conclusão geral, limitando-se a extrair uma conclusão amplificante, a partir de um conjunto restrito de exemplos. Deverá, portanto, ser entendida como um caso de raciocínio por analogia. (SANTOS, 2008, p.47).

Entendemos que para Gabriel Trindade a *epagôgê* não é a indução propriamente dita, ou seja, não busca através da resposta um conceito geral, posto que o intérprete aponta a *epagôgê* como a indução socrática que acrescenta à conversa novos dados: “(...) cabe às induções socráticas a função de incluir informação nova, agregada por meio dos exemplos aceitos por ambas as partes (...).⁵¹”. Mas, ao se pensar os diálogos a indução socrática tem a finalidade de conduzir o interlocutor a chegar a uma definição aceitável, como reafirma Gabriel Trindade:

É de salientar, porém, que para além dessa finalidade puramente destrutiva a *epagôgê* obedece a um intento construtivo, pois, embora as definições nunca se atinjam por generalização a partir de casos particulares, cada novo *logos* engloba e supera as exigências que serviram para refutar o anterior⁵².

Assim sendo, a *epagôgê* tem a finalidade de purificar os argumentos e consequentemente construir uma nova definição superando aquelas já proferidas, ou seja,

⁴⁹ CONFORD, F. M. Anamnesis In: **Principium sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego**. Trad. De Maria Manuela Rocheta dos Santos ; prefácios de W. K. C. Guthrie. 3 ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, p.84.

⁵⁰ BAILLY, A. **Dictionnaire grec français**. 26 ed., Paris, Hachette, 1963, p.716.

⁵¹ SANTOS, José Gabriel Trindade. In: **Êutifron, Apologia de Sócrates, Criton**. Tradução, introdução e notas: José Trindade Santos. 4 ed., Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983. p.18.

⁵² *Ibidem*.

refutando-as. Desta forma, para refutar precisa-se da continuidade da conversa, aliás, de Sócrates a perguntar e o interlocutor a responder, ou seja, tanto a pergunta quanto a resposta requerem uma relação de ambas às partes envolvidas no diálogo.

Nesse sentido, lembramos o que diz Soren Kierkegaard em sua obra *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*: “(...) perguntar designa em parte a relação do indivíduo com o objeto, e em parte a relação do indivíduo com um outro indivíduo (...)”⁵³. Assim, temos uma relação intrínseca entre os participantes e a questão debatida.

Para completar os elementos que compõem os *elenchos* temos a ironia socrática, na qual Sócrates parte do princípio de que nada sabe e continuando com G. Trindade “neste sentido, a ironia socrática será uma forma de nomear o inomeável, reconhecendo a tênue fronteira entre a ignorância <<filosófica>>, que visa à sabedoria, e a outra que aparentando saber, pelo contrário a impede”⁵⁴.

Segundo N. Abbagnano em seu *Dicionário de Filosofia*, o vocábulo vem do grego e significa:

Ironia (Gr. *eironeía*; alt. Ironia; ingl. Irony; franc. Ironie; al. Ironice). Em geral a atitude que consiste em dar uma importância muito menor do que o justo (ou daquele que se julga tal) a si mesmo ou à própria condição ou situação ou a coisas ou pessoas que têm estreitas relações consigo mesmos. A história da filosofia conhece duas formas fundamentais de I.: 1ª a I. socrática ; 2ª. a I. romântica⁵⁵.

Assim, a ironia repousa sobre o não saber, e parte deste pressuposto para conhecer. A esse propósito de não saber e conhecer Kierkegaard fala de dois métodos distintos o especulativo e o irônico, dessa forma, apresentando a ironia como um método. No entanto, a partir da nossa pesquisa a ironia faz parte dos elementos que compõem os *elenchos* socráticos.

Pois a gente pode perguntar com a intenção de receber uma resposta que contém a satisfação desejada de modo que quanto mais se pergunta tanto mais a resposta se torna profunda e cheia de significação. Ou se pode perguntar não no interesse da resposta, mas para, através da pergunta, exaurir o conteúdo aparente, deixando assim atrás de si um vazio. O primeiro método pressupõe naturalmente que há uma plenitude, e o segundo, que há uma vacuidade; o primeiro é o especulativo, o segundo o irônico. Este último o método que Sócrates praticava frequentemente (...) Qualquer filosofia que comece com uma pressuposição termina, naturalmente, na

⁵³ KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates**. Tradução: Álvaro Luis Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 41.

⁵⁴ SANTOS, José Gabriel Trindade. In: **Êutifron, Apologia de Sócrates, Críton**. Tradução, introdução e notas: José Trindade Santos. 4 ed., Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983. p.20.

⁵⁵ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Coordenada e revista por Alfredo Bosi. 2 ed., São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982. p. 555.

mesma pressuposição, e como a filosofia de Sócrates iniciava com a pressuposição, de que ela nada sabia, assim ela terminava no resultado de que os homens em geral nada sabiam⁵⁶.

Assim, quanto mais Sócrates pergunta mais as respostas que foram dadas passam por uma purificação com o intuito de tornar-se de modo claro e objetivo o que se pretende expor. A ironia pode conduzir a *aporia*, lembrando que Sócrates parte sempre da pressuposição de que nada sabe como ressalta Kierkegaard.

Rodolfo Mondolfo em sua obra *Sócrates* falando sobre a purificação nos diz que:

La refutación tiene la misión de suscitar en los otros la conciencia de su ignorancia, es decir, de encaminarlos hacia una purificación espiritual de sus errores y faltas, y por eso no llega ni debe llegar a una conclusión positiva sino a un resultado negativo que, sin embargo en tanto conciencia de un vacío interior intolerable, es preparación y estímulo para una investigación reconstructiva, tal como habría de serlo más tarde la duda metódica de Descartes⁵⁷.

Para o intérprete Rodolfo Mondolfo, o papel que a refutação estabelece no diálogo é de conscientizar o interlocutor da sua própria ignorância diante do problema apresentado. No entanto, só através do reconhecimento de que nada sabe é que há a possibilidade de sair da ignorância, desta forma, purificando a alma dos erros e conduzindo-a ao conhecimento. Todavia, o autor considera que por mais que haja a purificação destas falhas a refutação não chega, melhor dizendo, não deve chegar a uma conclusão assertiva ou negativa. Após esta purificação nos deparamos com aquela ausência de algo, um vazio, que nos conduziu para construção do saber. Mondolfo chama atenção para a semelhança do sentido de purificação empregado por Sócrates e pelos pitagóricos no que diz respeito à purificação (*kathársis*):

Pero para Sócrates, como para los pitagóricos, la purificación y liberación de los espíritus era una exigencia religiosa: una misión sagrada, dice en la Apología, que le había sido confiada por el Dios pues sólo mediante ella un espíritu cegado por el error puede reconquistar la vista y hallar el camino de la verdad y del bien, es decir, encontrar su salvación. Por eso, justamente, Sócrates considera el hecho de que se lo refute como un beneficio que recibe, igual al que presta a los demás cuando es él quien les refuta sus errores⁵⁸.

⁵⁶ KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates**. Tradução: Álvaro Luis Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991. p.42.

⁵⁷ MONDOLFO, Rodolfo. **Sócrates**. Buenos Aires: Editorial Eudeba, s/d, p.28.

⁵⁸ *Idem.*, p.29.

Para Sócrates, a refutação é sagrada, na conversa com Teeteto ele fala que foi de um deus que recebeu esta arte, por isso, que a refutação é sagrada, pois purifica a alma do interlocutor para que este reconheça a sua incapacidade de saber, promovendo, deste modo, um benefício àqueles que a ele se achegam. O que Mondolfo reafirma: “(...) así es como la refutación logra su mayor eficacia; así es como al engendrar, respecto al conocimiento, una duda metódica, la convierte en preparación necesaria y estímulo para la investigación (...)”⁵⁹”

Com as refutações de Sócrates, Teeteto continua respondendo as perguntas e com estes embates fica em estado aporético. G. Trindade também observou isto e vai chamar de “curso dos elenchos”:

O que tipicamente acontece numa refutação é termos Sócrates a perguntar e os interlocutores a responder, quase como uma conversa comum, embora determinada por regras estritas. Mas é capital distinguir a resposta à pergunta inicial – o *logos* – das que será obrigado a dar no curso dos elenchos⁶⁰.

A *aporia* é o último estágio do método maiêutico que se dá quando os dois interlocutores debatem sobre uma definição, buscando uma resposta e se deparam com as contradições das respostas dadas a pergunta, deste modo, “é da contradição que resulta a *aporia*, que ao mesmo tempo invalida a resposta e a pretensões do interlocutor ao saber.

De acordo com Jacqueline Russ em sua obra *Os métodos em filosofia*, “a ironia socrática significa, portanto, em essência, um procedimento questionante e interrogativo, que desemboca, muitas vezes, em aporias, dificuldades impossíveis de superar⁶¹”. O termo ‘*aporia*’ significa ‘sem passagem’ e caracteriza a impossibilidade de progressão de um raciocínio, assente em duas proposições contraditórias⁶²”. A *aporia* é uma característica dos diálogos considerados socráticos. Como por exemplo, o diálogo *Mênon*:

MEN. Sócrates, mesmo antes de estabelecer relações contigo, já ouvia <dizer> que nada fazes senão caíres tu mesmo em *aporia*, e levares também outros a cair em *aporia*. E agora, está-me parecendo, me enfeitas e drogas, e me tens simplesmente sob completo encanto, de tal modo que me encontro repleto de *aporia*. E, se também é permitida uma pequena troça, tu me pareces, inteiramente, ser semelhante, a mais não poder, tanto pelo aspecto como pelo mais, à raia elétrica, aquele peixe marinho achatado. Pois tanto ela entorpece quem dela se aproxima e a toca, quanto tu pareces ter-me feito

⁵⁹ *Ibidem.*, p.30.

⁶⁰ SANTOS, José Gabriel Trindade. **Para ler Platão a ontoepistemologia dos diálogos socráticos**. São Paulo: Loyola, 2008, p. 48.

⁶¹ RUSS, Jacqueline. **Os métodos em filosofia**. Tradução: Gentil Avelino Titton. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 2010, p. 32.

⁶² *Ibidem.*

agora algo desse tipo. Pois verdadeiramente eu, de minha parte, estou entorpecido, na alma e na boca, e não sei o que te responder. E, no entanto, sim, miríades de vezes, sobre a virtude, pronunciei numerosos discursos, para multidões, e muito bem, como pelo menos me parecia. Mas agora, nem sequer o que ela é, absolutamente, sei dizer. Realmente, parece-me teres tomado uma boa resolução, não embarcando em alguma viagem marítima, e não te ausentando daqui. Pois se, como estrangeiro, fizesses coisas desse tipo em outra cidade, rapidamente serias levado ao tribunal como feiticeiro (*Mênon* 80a–b⁶³).

No nosso exemplo do *Mênon*, Sócrates usa a *aporia* como meio para construir o conhecimento. Mênon reclama que até o próprio Sócrates também fica “sem passagem” para outra discussão. E, no entanto, a comparação feita entre Sócrates e a raia é sem dúvida cômica, mas o que interessa é o entorpecer, ou seja, as perguntas constantes e as respostas seguidas de refutações, em determinado momento deixa o interlocutor perdido, sem rumo, portanto, em *aporia*. Porém, a partir daí, aos poucos se constrói um conhecimento.

Dessa forma, o método socrático maiêutico é indispensável para Teeteto entrar em estado de *aporia* e apresentar uma resposta para a questão lançada por Sócrates “(...) cria coragem, pois, e responde a minha pergunta: no teu modo de pensar, que é o conhecimento?” (*Teeteto* 146c⁶⁴). O desfecho do diálogo se dá nas respostas apresentadas por Teeteto e das refutações de Sócrates. No entanto, o diálogo é encerrado com ambos, Sócrates e Teeteto, em estado aporético.

⁶³ PLATÃO. *Mênon*. Trad. de: Maura Iglésias. São Paulo: Editora PUC-Rio; Edições Loyola, 2001.

⁶⁴ *Idem.*, *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed., Belém: EDUFPA, 2001.

CONCLUSÃO

As considerações engendradas no decorrer de nossa pesquisa *A maiêutica socrática no Teeteto de Platão* merecem algumas conclusões a seu respeito.

Quanto à questão que nos propusemos examinar – a maiêutica socrática – depreendemos que o modo de vida assumido por Sócrates no exercício de sua arte maiêutica o conduziram à sua condenação e morte. Além disso, os argumentos que foram usados no tribunal já haviam sido utilizados na crítica proferida pelo comediógrafo Aristófanes em sua obra *As Nuvens*. E reafirmadas mais tarde nas acusações levantadas por Meleto, Ânito e Lícon contra o filósofo: corromper a juventude, não acreditar nos deuses da cidade e cultuar uma nova divindade.

Usamos *As Nuvens* de Aristófanes para exemplificar que na paródia do comediógrafo se tem uma representação do método maiêutico socrático. Assim, demonstrando a grande importância da arte maiêutica socrática.

Ao longo do nosso caminho (*hodós*) investigativo sobre a arte maiêutica socrática procuramos mostrar que o objetivo de Sócrates com as suas frequentes perguntas e respostas (*elenchos*) foi o de purificar a alma de seu interlocutor deixando-o normalmente em *aporia*. Mostramos que a maiêutica, a saber: é primeiramente iniciada com a pergunta *o que é* que exige de seu interlocutor uma resposta, é composta por alguns elementos a *epagôgê* que no percurso da arte herdada por Sócrates tem a função indutiva, enquanto a refutação leva ao embate das respostas dadas à pergunta *o que é* e ao novo argumento apresentado pelo filósofo; outro elemento dos *elenchos* é a *ironia socrática* que parte do princípio de que nada sabe. Dessa forma, conduzindo ambos a estado aporético, sem passagem.

Após o exame dessas questões, chegamos à conclusão de que o exercício maiêutico socrático tem como finalidade precípua purificar a alma do seu interlocutor, ou seja, o intuito de Sócrates é purgar as opiniões falsas de saber, levando o interlocutor a reconhecer que nada sabe acerca do assunto em análise.

Portanto, é através da maiêutica que nosso filósofo liberta a alma dos jovens; e apesar de caminhar por todos os estágios dos *elenchos*, não é responsabilidade do parteiro, mas do parturiente assumir passar pelas dores lancinantes do parto através do *lógos* argumentativo.

REFERÊNCIAS

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed., Belém: EDUFPA, 2001.

_____. **Teeteto**. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 3 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

_____. **Mênnon**. Tradução de Maura Iglésias. São Paulo: Editora PUC-Rio; Loyola, 2001.

_____. **O Banquete, Fédon, Sofista. Político**. Tradução e notas de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2 ed., São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **Êutifron, Apologia de Sócrates, Críton**. Tradução, introdução e notas de José Trindade Santos. 4 ed., Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

ARISTÓFANES. **As Nuvens**. Tradução e notas de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Coordenada e revista por Alfredo Bosi. 2 ed., São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.

AZEVEDO, Maria Tereza Schiappa. Da maiêutica socrática á maiêutica platônica. **Humanitas**. Vol. LV, 2002.

BAILLY, A. **Dictionnaire Grec Français**. 26 ed., Paris: Hachette, 1963.

BOZZANO, Hugo; FRENDA, Perla; GUSMÃO, Tatiane Cristina. **Arte em interação**. São Paulo: IBEP, 2013.

BENOIT, Hector. **A Odisséia dialógica de Platão: as aventuras e desventuras da dialética socrática do Parmênides ao Crátilo, ou o percurso de Sócrates de 450 a 399**. Tese. Campinas: Unicamp, 2004, p.272.

CORNFORD, F. M. Anamnesis In: **Principium sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego**. Trad. De Maria Manuela Rocheta dos Santos prefácios de W. K. C. Guthrie. 3 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

GUTHRIE, W. K. C. **Os Sofistas**. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

GONZAGA, Solange Maria Norjosa. **Política e linguagem em Platão: as tematizações do Político e do Fedro**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 1998.

GONZAGA, Solange Maria Norjosa. **O homem como marionete dos deuses: uma leitura das Leis de Platão**. Tese (Doutorado em Filosofia). Unicamp, Campinas/SP, 2006.

HOUAISS, A. **Houaiss Dicionário eletrônico**. 2001.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução: Artur M. Parreira. 3 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KIERKEGAAR, Soren Aabye. **O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates**. Tradução: Álvaro Luis Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

MONDOLFO, Rodolfo. **Sócrates**. Buenos Aires: Editorial Eudeba, s/d.

OLIVEIRA, Francisco de; SILVA, Maria de Fátima. **O teatro de Aristófanes**. Coimbra: Faculdade de Letras, 1991

RUSS, Jacqueline. **Os métodos em filosofia**. Tradução: Gentil Avelino Titton. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 2010.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**. 3 ed., São Paulo: Paulus, 2007.

ROSS, Sir David. **A teoria das ideias de Platão**. Tradução de Professor Marcus Reis, UFRJ/IFCS, 2008.

SANTOS, José Gabriel Trindade. **Para ler Platão a ontoepistemologia dos diálogos socráticos**. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. Introdução. In. PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 3 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

SZLEZÁK, Thomas Alexander. A arte maiêutica sem pressupostos de Sócrates. **E.F. e H. da Antiguidade**. Cps/Bsb, nº 22/23, 2007.

URBINA, J. M. P.S. de. **Diccionario manual griego – español**. Barcelona: EMEGE, 1967.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.